

**ENTRE A BARBÁRIE E A PLENITUDE:  
A Literatura como Agente da Formação Plena de Cidadãos,  
Indicada pelos Documentos Oficiais do Governo**

Pedro Henrique Dalboni de Moura e Silva<sup>1</sup>

Alan Flávio Viola<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente trabalho buscou provocar reflexões a partir das relações entre as indicações dos documentos oficiais no que tange o desenvolvimento do cidadão em sua plenitude com a Literatura de forma que pudesse se demonstrar que esta, devido às suas características singulares, é capaz de suprir tal necessidade indicada e, como, se levado em conta os parâmetros curriculares (PCNs 2000 e PCN +), se percebe um afastamento e apagamento da disciplina nos currículos de forma que seja apenas tratada como uma disciplina auxiliar de outras matérias (gramática ou história, por exemplo) ou que seja isolada e simplificada para a área de leituras. A partir de leituras de autores consagrados na área literária e artística foi possível notar e reforçar a importância da disciplina literária não como ensino de metodologia de análise (escolas literárias, crítica histórica), tal como acontece hoje, mas como uma disciplina que é capaz de auxiliar os alunos – e, portanto, leitores não profissionais – e jovens a saberem mais do mundo e de si mesmos, de uma forma que a experiência literária permite, formando-os num conhecimento universal – e por isso também individual, possibilitando, assim, o tão desejado desenvolvimento pleno do cidadão.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Pleno do Cidadão. Documentos Oficiais e Literatura. Literatura e formação. PCNs. LDB.

**BETWEEN A BARBARIE AND A FULLNESS:  
The Literature as Agent of the Full Training of Citizens,  
Indicated by Official Documents of the Government**

**Abstract**

The present article seeks to instigate reflection between the Brazilian law prescriptions (Lei de Diretrizes e Bases, LDB, and Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA) and official educational documents (Parâmetros Curriculares Nacionais dos anos 2000,

---

<sup>1</sup>Graduado em Letras Inglês/Português do Centro Universitário Geraldo Di Biase.

<sup>2</sup>Doutor em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente no Centro Universitário Geraldo Di Biase.

PCN, and PCN +) regarding the full individual development, with Literature in such a way that it would be possible to show that this school subject, due its singular characteristics, could provide the law indications and (population) needs. And taking into account the practical indications on PCN and PCN +, it would be possible to take notice that Literature is treated as an auxiliary subject (for History or Grammar, or just as a reading subject) and slowly vanished from the curriculum by this simplification. For this article we used renowned theorists (Literature theorists or Art theorists), and it was possible to notice the importance of Literature in classroom, not as we see in nowadays, as an analysis methodology teaching, but as a subject that can help students – and, non-professional readers – to earn a new worldviews, such as a self-knowledge too, in a way that only the universal content that belongs to Literature. Assuming this, our hypothesis is that Literature could meet the needs that the law and official documents seeks but does not receive its due treatment.

**Key-words:** Full Individual Development. LDB. Literature and Formation. Official Government Documents and Literature. PCNs.

## Introdução

Altos índices de reprovação e abandono e baixos índices de notas mil no maior exame do país (ENEM) são as muletas com as quais a educação dessas terras tupiniquins tem caminhado nesse início de milênio. Caminhado ou se atrapalhado, no fim das contas, sabe-se que a educação anda mal das pernas – e da cabeça – indo cada vez mais na contramão do que defendia os seus documentos oficiais relacionados à educação e desenvolvimento das crianças e adolescentes. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) já indica em seu artigo 53 que toda criança e adolescente têm o direito à educação “visando o desenvolvimento pleno de sua pessoa”, enquanto isso, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) propõe que nos anos finais do Ensino Médio o aluno já tenha capacidade crítica e autonomia de pensamento e escolhas. Por outro lado, e tal como já apontado, é possível notar que os documentos oficiais, mesmo ambos tendo mais de vinte anos de vida, acabam por passar despercebidos pelos estudos e parâmetros educacionais mais recentes.

Também se sabe, desde a época de Aristóteles, em 300 a.C. que a Literatura, ao contrário das outras disciplinas, como a história, possui uma característica única – e quase paradoxal: a sua universalidade. Universalidade, tal como Barthes já afirmara em Aula, que é uma das suas características que a destaca entre todas as outras disciplinas: já que não dava vantagem ou fetichizava um tipo específico de conhecimento, como também era capaz de perceber o passado e iluminar o futuro –

a sua metáfora da pedra de Bolonha. Para além disso, também vemos Cândido ao afirmar que a Literatura é parte dos direitos humanos, pois ela é a responsável pela nossa humanização, que é essa capacidade de nos colocarmos em lugares inimaginados – inclusive, na pele de outrem – e nos apresenta traços essenciais da nossa humanidade, explicitando toda a complexidade da vida humana e do ser, provocando reflexões e, de quebra, aquisição de conhecimento.

Tendo isso em vista, os Parâmetros Curriculares Nacionais dos anos 2000 (PCN 2000) e suas orientações complementares, os PCN +, apesar de possuírem já essa indicação anterior e todo um referencial teórico acerca da literatura, acabaram por ignorá-los e, muito por conta de academicismos na formação desses regimentos, levaram seus acadêmico-literários para a escola. Assim como já apontava Todorov em seu livro, “A Literatura em Perigo”, nota-se um grande enfoque no estudo em cima do método de análise e não no entorno do objeto em si, de maneira que os alunos investiguem uma escola literária, uma relação bibliográfica ou histórica antes mesmo de lerem uma obra em si. Dessa forma um pouco reduzida, inclusive, os PCNs trazem a Literatura – num desejo de descompartmentalizar as matérias – como ou suplementos para gramática e história, ou diluída como sendo apenas pertencente à área de leitura.

Tendo essa conceituação e justificativa em mente, faz-se necessário explicitar que o objetivo de identificar as finalidades indicadas pelo documentos oficiais do governo e a importância da Literatura, o estudo de seu objeto e as suas interrelações, acaba por servir de astrolábio no andamento da pesquisa e a trazer objetivos mais específicos: não só apontar a posição e a direção a qual se seguiu, como trazer luz à uma reflexão acerca do que já se tem – a Literatura como brevemente apresentada – o que se quer – as finalidades dos documentos oficiais – e o que ocorre na contemporaneidade – um ensino baseado nos PCNs 2000 e PCN +.

Vale ressaltar que aqui será observada uma das funções da Literatura e não propriamente a sua finalidade.

## **Materiais e Métodos**

A metodologia selecionada para o presente trabalho foi a pesquisa bibliográfica e comparativa de forma que se buscasse a relação entre os documentos oficiais LDB (Leis de Diretrizes e Bases), ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), os PCNs 2000 (Parâmetros Curriculares Nacionais), utilizados como base até hoje, o PCN + e a Literatura. Para que tal relação pudesse ser estabelecida, foi feita a leitura dos documentos oficiais já tendo em mente noções de conceitos literários indicados há mais de dois mil anos, com Aristóteles em sua Poética e, com uma leitura mais atualizada e próxima ao intenso fluxo – confuso fluxo – da contemporaneidade, buscou-se uma leitura de autores como Roland Barthes, Todorov e Antonio Candido que, apesar de algumas divergências relativas à função da obra literária e sua análise, reconhecem a sua importância na formação individual a partir do universal e, por meio de suas obras trazem reflexões acerca do (re)conhecimento de mundo trazido por uma boa obra literária – inclusive, chegando a considerá-la parte dos direitos humanos como nos mostra Cândido (1989).

## **Sobre os Parâmetros Educacionais**

O presente capítulo trará uma contextualização em cima dos conteúdos apresentados pelos documentos oficiais do governo, como os PCNs, a LDB e o ECA, e iniciará a reflexão acerca da sua relação com a Literatura.

### *Contextualização*

A educação brasileira, de acordo com os documentos de parâmetros diretrizes e indicações estatais – tais como os PCNs, a LDB e o ECA –, tem como claro objetivo o desenvolvimento da pessoa como cidadão pleno, sua capacidade de dar continuidade aos estudos e conhecimento, além de preparar para a vida profissional – ainda mais ao se tratar da Educação Básica, Ensino Fundamental e Ensino Médio. No entanto, é possível notar que a educação brasileira, apesar de certas melhoras

recorrentes, tem obtido péssimos resultados, tanto em números de aprovações e reprovações – isso ainda considerando que existem escolas que fazem uso do método de “aprovação automática” para camuflar os números –, quanto no Exame Nacional do Ensino Médio.

Tendo em vista isso, será feita uma análise comparativa dos documentos que regem/propõem caminhos para a educação no Brasil, o tratamento que tais documentos dão à Literatura, e uma visão da mesma por teóricos literários, tendo assim, uma noção não só de como a Literatura é tratada, mas como ela deveria ser tratada e como tais alterações poderiam provocar mudanças tanto no desempenho dos estudantes como na execução satisfatória do que se propõem os documentos educacionais do Brasil.

Inicialmente, ao se ler o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), percebe-se que em seu Art. 53 é dito “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho...” (BRASIL), enquanto, a LDB, em seu Art. 2º “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL).

Prosseguindo na leitura da LDB, percebe-se que o ensino escolar, desde a Educação Infantil até o final do Ensino Médio visa ao desenvolvimento integral, pleno dos indivíduos, de modo que o estudante, ao terminar o período escolar seja dotado de autonomia intelectual e capacidade crítica, mas também com o enfoque nas relações interpessoais, familiares, o reconhecimento de valores com que se fundamentam a sociedade, ou seja, a aquilo que é de mais caro no que diz respeito à humanidade.

Enquanto, por outro lado, os PCNs abordam apenas a questão do Ensino Médio, o documento ainda o trata como finalização do Ensino Básico – conceituação essa que, aliás, provocou a origem dos Parâmetros Curriculares Nacionais – e, sendo assim, baseando-se e dialogando com a LDB em todo seu desenvolvimento.

Tendo em vista tais objetivos e ao confrontá-los com a realidade, é notável que, na prática, esses que são visados pelos documentos não conseguem ser alcançados, quiçá atingem um nível satisfatório de desenvolvimento e busca pelo conhecimento,

tal como em desenvolvimento de cidadania. Nota-se, por exemplo, ao se olhar as taxas de rendimento escolar do ano de 2015, que nos anos iniciais, da Educação Básica, cujo objetivo era o de preparar o aluno em suas capacidades a taxa de reprovação é de 5,8% enquanto a de abandono é de 1%; já, nos Anos Finais, que seriam os anos de desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, do domínio da leitura, escrita e cálculo, a taxa de reprovação quase dobra, para 11,1% enquanto a de abandono quase triplica para 3,2%; e, no Ensino Médio, fase em que o estudante estaria desenvolvendo a sua autonomia intelectual e pensamento crítico, a taxa de reprovação não aumenta muito, para 11,6% enquanto a taxa de abandono quase dobra, para 6,8%.

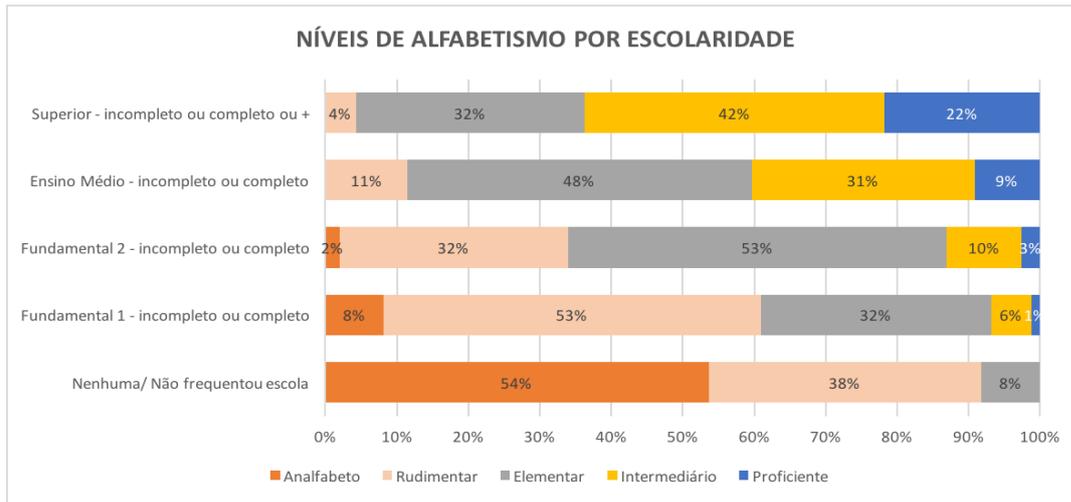
Além desses números, é possível notar a preocupante constatação dos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio, que em 2016 teve um número de 84.236 eliminados por zero na redação, enquanto o número de candidatos com nota máxima caiu para 77. Cada vez mais alunos que chegam aos pontos mais avançados da Educação Básica têm desistido/abandonado ou, quando tentam fazer um Exame, não conseguem resultados satisfatórios. Os principais motivos dados aos nota-zero foram seis: fuga ao tema; cópia do texto motivador; texto insuficiente; não atendimento ao tipo textual; parte desconectada; propostas que ferem os direitos humanos. Sendo que esses pontos estão explicitados nos cadernos de prova e são lembrados constantemente em escolas e cursinhos, o que permite um diagnóstico triste de que os alunos ou não estão conseguindo desenvolver desde a segunda etapa do Ensino Básico o domínio da leitura e escrita, ou estão cada vez mais desleixados com a própria educação e o próprio futuro.

A escrita e a leitura, cada vez mais mecanizada, sem sua típica fruição, já diria Barthes, tem impedido e atrapalhado não só nas notas, mas na própria capacidade de compreensão e expressão desses estudantes. Em 2015, a maioria dos inscritos que passou no exame, atingiu uma nota que variava entre 400 e 600 pontos, algo bastante mediano para um aluno que está inserido num Sistema de Ensino que busca, já na sua última etapa – que é concomitante à época do exame – fazer com que o jovem tenha autonomia de pensamento.

Em notícia do O Globo, Antônio Gois (2016) traz um dado inquietante: apenas 22% das pessoas que alcançam o ensino superior possuem um nível de alfabetização proficiente. Gois (2016) traz dados do Inaf (Índice de Analfabetismo Funcional), em

um estudo realizado com apoio do Ipobe Inteligência pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa. No entanto, mais alarmante que o dado de praticamente um quinto dos estudantes do ensino superior possuírem um nível de alfabetização proficiente, é o dado de que 32% , praticamente um terço dos estudantes que frequentam universidades, têm um nível de proficiência elementar.

Figura 1. Nível de alfabetismo da população jovem e adulta



Fonte: Inaf e Globo.com

## Os Parâmetros Educacionais e a Literatura

Antes de prosseguir com a problemática e reconhecer maneiras de como pode-se tratar tal situação, faz-se necessário identificar como os próprios parâmetros educacionais brasileiros – os PCNs em específico, por questão de rigor científico – tratam uma das áreas que afetam diretamente em todas as outras: a de linguagens – afinal, até para se resolver problemas matemáticos faz-se uso de linguagem, ou para assistir a uma aula, e, na ausência de uma boa capacidade interpretativa, há de se ruir quase toda chance de entendimento e comunicação entre os sujeitos.

Mas ainda mais e mais especificamente, será abordado como é tratada a literatura, já que, a arte seria a responsável pelo ser humano atingir o absoluto, tal como apontado por Todorov em “A Literatura em perigo” (2016), ou Aristóteles, em sua “Poética”, quando afirma que o historiador se difere do poeta porque a poesia é capaz de mostrar o universal enquanto a história estudaria apenas o particular, por

exemplo, a história observaria o período histórico, quem foi o presidente de determinada época, enquanto a Literatura seria capaz de observar e demonstrar o jogo de poder que permeia a humanidade. Esse tipo de visão é capaz de reforçar essa ideia de formação do cidadão, o seu aprimoramento enquanto ser humano, tal como é defendido pela LDB.

Podemos, também, ouvir Barthes (2015a), em Aula:

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis — insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovacionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas — que sabe muito sobre os homens. O que ela conhece dos homens, é o que se poderia chamar de grande estrago da linguagem, que eles trabalham e que os trabalha, quer ela reproduza a diversidade dos socioletos, quer, a partir dessa diversidade, cujo dilaceramento ela resente, imagine e busque elaborar uma linguagem-limite, que seria seu grau zero. Porque ela encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico mas dramático. (p. 18/19/20)

Nessa citação, Barthes nos traz a resposta para algumas das problemáticas trazidas até agora. A literatura, de todas as disciplinas escolares, é a única que é capaz de trazer consigo todas as outras disciplina em si, sem privilegiar um conhecimento ou outro. Na literatura é possível, por exemplo, perceber conhecimentos matemáticos (O Homem que Calculava – Malba Tahan), históricos (O Tempo e o Vento – Érico Veríssimo), sociológicos (Édipo-Rei - Sófocles)... Sem dar mais visão a um que a outro, afinal, haverá quantos livros forem possíveis e, sendo Literatura, abrangerão os conhecimentos do mundo e a realidade que o define como

tal, dependendo apenas do leitor – e da possibilidade - a escolha de que conhecimento/livro ler.

No entanto, e para muito além disso, a Literatura, tal como na metáfora criada por Roland Barthes, exatamente por não possuir uma predileção ou apenas citar os saberes que já existem – mas também poder transcender esses saberes – a Literatura adquire outra grande importância frente ao mundo: ela, tal como a Pedra de Bolonha, é capaz de ler o contemporâneo exatamente por ser a informação adquirida do ontem e aplicada no amanhã: é a luz do passado que vem para iluminar o futuro. A literatura consegue, de tal maneira não só descrever o hoje, o ontem e o amanhã, como também acompanha sempre o cerne da realidade do homem.

Por isso, com uma breve compreensão da importância da Literatura na construção de conhecimento, podemos iniciar uma reflexão: como ela é abordada pelos parâmetros curriculares, as diretrizes e bases brasileiras? Como esses documentos indicam a sua prática em sala de aula? Levando em consideração a compartimentalização dos PCNs, em que a Literatura se encontra como uma subcategoria da área de linguagens, o PCN 2000 também diz:

Os conteúdos tradicionais de ensino da língua, ou seja, nomenclatura gramatical e história da literatura, são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos e a literatura integra-se à área de leitura. (p. 18)

Ou seja, a literatura é diluída a uma área de apoio para a gramática/interpretação de texto e sendo desconsiderado todo seu valor artístico e seu valor para a humanidade. Seguindo-se a isso, o PCN +, que surgira com o propósito de complementar e aprimorar os PCNs 2000, reforça uma ideia de ensino da disciplina literária de modo que se enfoque numa percepção do contexto histórico no qual a obra está inserida, de forma que, em sua prática, se torne uma matéria muleta para as aulas de história:

A correlação se amplia na medida em que se exercita a análise e, posteriormente, a síntese. A análise do contexto da época, que dá contorno à situação de produção e às escolhas efetivadas pelo autor de um texto, propicia o levantamento de elementos inter e intratextuais. A percepção de que textos produzidos em uma mesma época ou por um mesmo autor carregam marcas comuns pode

conduzir a uma atividade de síntese, na qual se abstraem os pontos principais da análise. Essa é a forma em que se conduzem ou deveriam ser conduzidos os estudos sobre estilos de época na literatura.” (p. 63, PCN +)

E, apesar de em seu início haver um reconhecimento da composição estética da obra das criações literária, o PCN + ignora-na, reforçando ainda mais a intenção de que a disciplina seja, novamente, uma muleta para as matérias de história ou gramática, afirmando que as mesmas serviriam de estímulo para o aluno mas que, ao contrário, acaba por ser como um tiro que vai do alvo ao pé: ao retirar todo o fulgor literário e tratá-lo de forma a ser suporte, se dissipa toda chance de que o aluno vá ver utilidade na matéria ou, pior que isso, algum sentido para si em se ler uma obra.

A Literatura, particularmente, além de sua específica constituição estética, é um campo riquíssimo para investigações históricas realizadas pelos estudantes, estimulados e orientados pelo professor, permitindo reencontrar o mundo sob a ótica do escritor de cada época e contexto cultural: Camões ou Machado de Assis; Cervantes ou Borges; Shakespeare ou Allan Poe; Goethe ou Thomas Mann; Dante ou Guareschi; Molière ou Stendhal. (PCN +, p. 19)

Abandonando qualquer tipo de análise atrelada ao próprio texto, qualquer tipo de ligação que se possa fazer valer o prazer do texto, ou uma leitura que pegue a universalidade humana (questões ontológicas), os PCNs traçam uma rota de fuga que leva os estudantes para lugares onde somente a comparação com outras épocas ou escritos (ou seja, a Literatura Comparada) se fazem valer, ignorando qualquer tipo de questões universais e relacionadas à nossa humanidade: a Literatura na escola brasileira tem se transformado em uma matéria-muleta de gramática, leitura ou de estudos históricos e de época, ignorando toda a carga cultural, de significado e valores, ou até o valor artístico da mesma.

## **Sobre a Literatura e Seu Tratamento Devido**

Esse capítulo, do contrário de parte da linha que se estabeleceu anteriormente, abordará não as questões relacionadas à leitura e interpretação, já que também critica a Literatura simplificada a somente essa área, mas abordará como essa arte exerce

a função necessária para auxiliar no desenvolvimento do estudante que almejam os documentos oficiais da educação no Brasil.

É possível identificar que as problemáticas dos parâmetros e diretrizes educacionais brasileiras vêm da sua base, já que sua construção e descrição que não atendem não somente à realidade, mas às próprias necessidades exigidas pelos próprios documentos (como LDB ou ECA) – e por seus criadores. Mas também há problemas nas definições de literatura e crítica, por exemplo, que pairam sobre a academia, e um desses grandes problemas acerca das assertivas que se fazem tanto sobre a literatura quanto a crítica literária – que pode ser a causa de grande parte desses problemas – tal como aponta Todorov ao afirmar que os ensino de Literatura nos anos anteriores ao ensino superior tem se resumido a ensinar o método de estudo do objeto e não, necessariamente o objeto literário em si. De forma que, tal como na França, para onde sua leitura se direcionada, também se percebe no Brasil a influência já demonstrada de se ensinar ou análise gramatical, leitura ou reforço de aulas de história – que acabam por ser metodologias de estudo literário, como a crítica histórica ou estruturalista, por exemplo.

E esse problema também é reforçado por Todorov (2016), que reconhece na academia, não uma visão literária, e humana, da Literatura, mas sim estudos de outras áreas dentro do campo literário, e que isso influencia não só o ensino secundário, mas afeta também os futuros professores, que, por conseguinte, auxiliarão na perpetuação desse ponto-único-de-vista. Deste modo, sua visão apesar de refletir um reconhecimento que ele faz da área da educação francesa, pode ser também aplicada de maneira que auxilie na nossa compreensão da aplicação/definição de literatura no sistema educacional brasileiro.

De forma diferente do ensino no primeiro e segundo graus, a universidade não obedece a programas comuns, o que permite encontrar, no ensino universitário, representantes das mais diversas, e mesmo das mais contraditórias escolas de pensamento. Permanece o fato de que a tendência que se recusa a ver na literatura um discurso sobre o mundo ocupa uma posição dominante no ambiente universitário, exercendo uma influência notável sobre a orientação dos futuros professores de literatura. (TODOROV, p. 40)

Deste modo, também se afeta a literatura e seus estudos – a crítica literária, mais precisamente – ao serem abordados com o desejo de trazer relevância atual aos

estudos feitos, com leituras voltadas apenas para o político, o social, como nos apresenta Todorov, sem com que, no entanto, se perceba que o que ocorre, na verdade, “é o esvaziamento da crítica e da literatura como tais são, pois o que se destina a todos é a literatura, não os estudos literários; é preciso ensinar aquela e não estes últimos.” (p.41) – os resultados podem ser vistos na descrição dos PCNs, ou PCN + por exemplo. Da mesma forma que nos reforça Todorov ao mostrar-nos que o leitor não profissional ainda lê não para ter conhecimentos específicos de métodos ou necessariamente de outras culturas, mas para que seja capaz de mergulhar nesse profundo entendimento do homem, do mundo e, por consequência, de si mesmo. Dessa forma, também nos reforça Barthes (2015b) ao mostrar que uma leitura socioideologizada acaba por tirar a pertinência da literatura pois ignora a sua fruição. É possível perceber que uma crítica de que o ensino de apenas uma leitura sociológica – ou até apenas estruturalista – da literatura, em um outro exemplo, esvazia a própria obra e estudo literários por não ser uma análise ontológica relacionada com a obra –, mas sociológica, ou uma análise bibliográfica, que se trataria de uma análise da vida do autor e não do livro em si, ou uma análise histórica, que observaria o momento/contexto histórico e não a arte – em antítese com o supracitado Aristóteles –, e assim se seguindo...

Além disso, Antônio Candido, em “Direitos Humanos e Literatura”, afirma que a Literatura é um dos nossos Direitos Humanos, e que sua retirada pode ser capaz de mutilar personalidades e de até fazer ruir nossa civilização, já que haveria uma quebra total na Tradição de cada povo, o que não permitiria que um povo se identificasse como tal.

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, p. 177)

Ou seja, em conformidade com Todorov, Aristóteles e até Barthes, de certa forma, a Literatura seria capaz de nos humanizar, humanização essa que seria, para Cândido:

... o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante. (CANDIDO, p. 182)

Todorov faz crítica pertinente ao pensamento de que apenas a estética literária deve ser estudada – de que a literatura se basta apenas nos seus “elementos constitutivos” –, já que a análise pura do texto em si não basta para uma compreensão plena da obra, os conflitos humanos, atrelados à realidade, além de alguns pontos estéticos, fazem da Literatura ser o que é: um pneu, um volante e uma caixa de marcha não são um carro; um braço, uma perna, um olho e um coração não são um ser humano completo. E, pode-se reforçar sobre as mais variadas correntes críticas, autor russo afirma: “Entretanto, em nenhum caso o estudo desses meios de acesso (leitura partir de contextualização histórica, ou puramente estética) pode substituir o sentido da obra, que é o seu fim” (TODOROV, p. 31), no que acrescenta Barthes (2015b) ao reforçar a importância do prazer atópico e fruidez do texto que surgem dos interstícios da obra, do aparecimento-desaparecimento que ela, pela sua linguagem, nos traz e provoca essa sensação tão próxima ao gozo.

O tratamento da literatura em sala de aula deveria ser feito de maneira abrangente, mas começando pela própria leitura da obra em si, sem condicionamentos prévios dados pelo professor ou por estudos acadêmicos. O aluno deveria ler, relacionar a obra com o mundo e com o seu conhecimento de mundo, fruir pela sua leitura e, a partir daí, perceber as conexões já existentes, leituras de estudos em cima da obra para que assim houvesse não só a formação plena de cidadão mas também um conhecimento pleno acerca da área, de forma que sua análise em cima do texto que lhe dá prazer, como afirma Barthes (2015b) que, quando a análise dessa forma é feita, não é a subjetividade que o leitor torna a encontrar, mas o seu indivíduo, que considera toda a sua carga que o configura como tal (elementos biográficos, sociohistóricos, neurológicos...). Para isso, tal como conclui Todorov:

... não somente a arte conduz ao conhecimento do mundo, mas que ao mesmo tempo revela a existência dessa verdade cuja natureza é diversa. Na realidade, essa verdade não lhe pertence exclusivamente, já que constitui o horizonte dos outros discursos interpretativos: história, ciências humanas, filosofia. A própria beleza não é uma noção nem objetiva (que possa ser estabelecida a partir de indícios materiais) nem subjetiva, ou seja, que dependa do juízo arbitrário de cada um; ela é intersubjetiva, pertencente, portanto à comunidade humana. Ora,

a beleza de um texto literário não é outra coisa senão sua verdade.  
(TODOROV, p. 64/65)

E, se comparada ao que é afirmado pelas Leis de Diretrizes e Bases, em que um dos maiores objetivos da educação é a formação de um cidadão pleno, pensante e capaz de entender e utilizar informações, por que, então, a literatura se encontra subcompartmentalizada, ou esvaziada de sentido ou como muleta para outras disciplinas?

O ensino médio, que não se dirige aos especialistas em literatura, mas a todos, não pode ter o mesmo alvo; o que se destina a todos é a literatura, não os estudos literários [...] O professor do ensino médio fica encarregado de uma das mais árduas tarefas: interiorizar o que aprendeu na universidade, mas, em vez de ensiná-lo, fazer com que esses conceitos e técnicas se transformem numa ferramenta invisível. Não nos espantemos depois se ele não conseguir realizá-lo a contento. (TODOROV, p. 41)

## **Considerações Finais**

Como já deve ter sido percebido até aqui, a Literatura possui não só características diferentes das que se foram mostradas pelos documentos oficiais (PCNs), como, se tratada da maneira correta, é capaz de atender às especificações que objetivam tais documentos (ECA, LDB, por exemplo). Para muito além da relação entre leitura e capacidade de escrever, a literatura exerce papel principal no desenvolvimento humano do ser.

A problemática em relação ao ensino de Literatura na faculdade e seu reflexo na educação básica, apresentada por Todorov, se mostra também presente no Brasil, levando em conta a organização dos papéis oficiais que determinam os objetivos da formação pelo sistema educacional (LDB, ECA) e os modos de ensino da Literatura (como os PCNs), que provoca esse desentendimento e esvaziamento (desencontro) entre a matéria e o conteúdo passado.

Também pode ser notado o uso de vários teóricos que divergem em suas escolas e linhas diferentes de estudos e, principalmente, no que diz da arte sobre sua finalidade e seus campos de análise. No entanto – e isso vai de Aristóteles, à Barthes, Todorov, à Antônio Cândido – há uma relação estrita no que tange à importância da arte e a sua relação íntima com o formação do ser e o processo de

humanização/formação individual do leitor, que possibilita essa aquisição de conhecimento, valores, além da fruição que uma obra de arte pode trazer – que retomaria o interesse dos alunos em leitura.

Disso, pode se perceber que, tal como já nos disse Aristóteles (2014), a Literatura toca o universal do homem e não o específico e, exatamente por isso e em concordância com Barthes (2015a) se percebe que a Literatura como disciplina tem superioridade às outras matérias não por questão de conhecimento específico, tampouco por uma questão meramente lógica, mas ontológica, de maneira que não se negue a importância das outras disciplinas, por outro lado, confirma e alcança os objetivos propostos pelos documentos oficiais do governo no que se relaciona ao desenvolvimento do cidadão em sua plenitude.

Dessa forma, os estudos realizados até agora apontam para a confirmação da nossa hipótese: a Literatura e seu ensino, deslocados para um segundo plano, enfraquecem o imaginário da criança e do jovem. Nossa hipótese é de que o ensino literário, posto em certo limbo, em contraste com o que propõe o próprio MEC, não promoverá efetivamente um cidadão capacitado, pois não há formação de cidadão crítico no vazio deixado pela ausência da Literatura.

## Referências

ARISTÓTELES. Poética e Tópicos I, II, III e IV. 2. Ed. São Paulo: Hunter Books, 2014.

BARTHES, Roland. **Aula**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

\_\_\_\_\_. **O prazer do Texto**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**: Linguagens, Códigos, e suas Tecnologias. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação **PCN + Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>, Brasília, Acesso em 20 jan. 2017.

BRASIL. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases, lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Disponível em:

246

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>, Brasília. Acesso em 20 jan. 2017.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 12. Ed, Brasília, disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/inclusao-social-e-equidade/acessibilidade/legislacao-pdf/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

CAI NÚMERO DE ALUNOS COM NOTA MIL NA REDAÇÃO E SOBE TOTAL DE ZERO. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/cai-numero-de-alunos-com-nota-mil-na-redacao-do-enem-e-sobe-total-de-zero.ghtml>> Acesso em 24 jan. 2017.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e Literatura. *In: Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

ENEM: MAIS DE 53 MIL CANDIDATOS TIRAM NOTA ZERO NA REDAÇÃO. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/01/11/enem-mais-de-53-mil-candidatos-tiraram-nota-zero-na-redacao.htm>> Acesso em: 24 jan. 2017.

GOIS, Antônio. **Só 22% dos que chegam ao ensino superior no país são proficientes em leitura e matemática, mas salto de qualidade entre gerações é significativo**. O Globo, 2016. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/antonio-gois/post/so-22-dos-que-chegam-ao-ensino-superior-no-pais-sao-proficientes-em-leitura-e-matematica-mas-salto-de-qualidade-entre-geracoes-e-significativo.html>> Acesso em: 24 jan. 2017.

TAXAS DE RENDIMENTO. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/brasil/taxas-rendimento>> Acesso em: 24 jan. 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. 6. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2016.